

OS LAGARES RUPESTRES LOCALIZADOS NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DE *AQVAE FLAVIAE* (CHAVES, NORTE DE PORTUGAL) ROCK-CUT WINE TANKS IN THE AREA AROUND *AQVAE* *FLAVIAE* (CHAVES, NORTHERN PORTUGAL)

Luís Jorge Cardoso de Sousa*
Marta Miranda Marques**

RESUMEN

Nuestro trabajo tiene la intención de publicar un conjunto de lagares excavados en la roca, que existe en la parroquia de Santo Estevão, Chaves, norte de Portugal. El rico pasado humano de este territorio merece una reflexión sobre la producción de vino desde la época romana y de toda la Edad Media y Moderna.

Palabras clave: lagares, viño, roca, Santo Estevão.

ABSTRACT

Our paper intends to publish a set of wine presses carved into the rock, which exists in the parish of Santo Estevão, Chaves, North of Portugal. The rich human past of this territory warrants a reflection of the wine production from the Roman era and in the Middle and Modern Ages.

Keywords: wine presses, wine, rock, Santo Estevão.

I. INTRODUÇÃO.

A presente memória descritiva pretende ser o início de um estudo mais aprofundado sobre um conjunto de 12 estruturas de produção vinária que terão tido uma grande importância na economia doméstica de Santo Es-

têvão e ainda nos circuitos locais de comércio durante a Época Romana e/ou Idade Média.

Os lagares escavados na rocha são dos vestígios mais antigos da produção vinária em Portugal. À excepção da orla costeira do Noroeste, toda a faixa territorial a Norte do Douro está pontuada de inúmeros exemplos. Esta re-

* CITCEM. E-mail: luis-sousa2@sapo.pt

** APHIN-GEHVID. E-mail: martamirandamarques@gmail.com

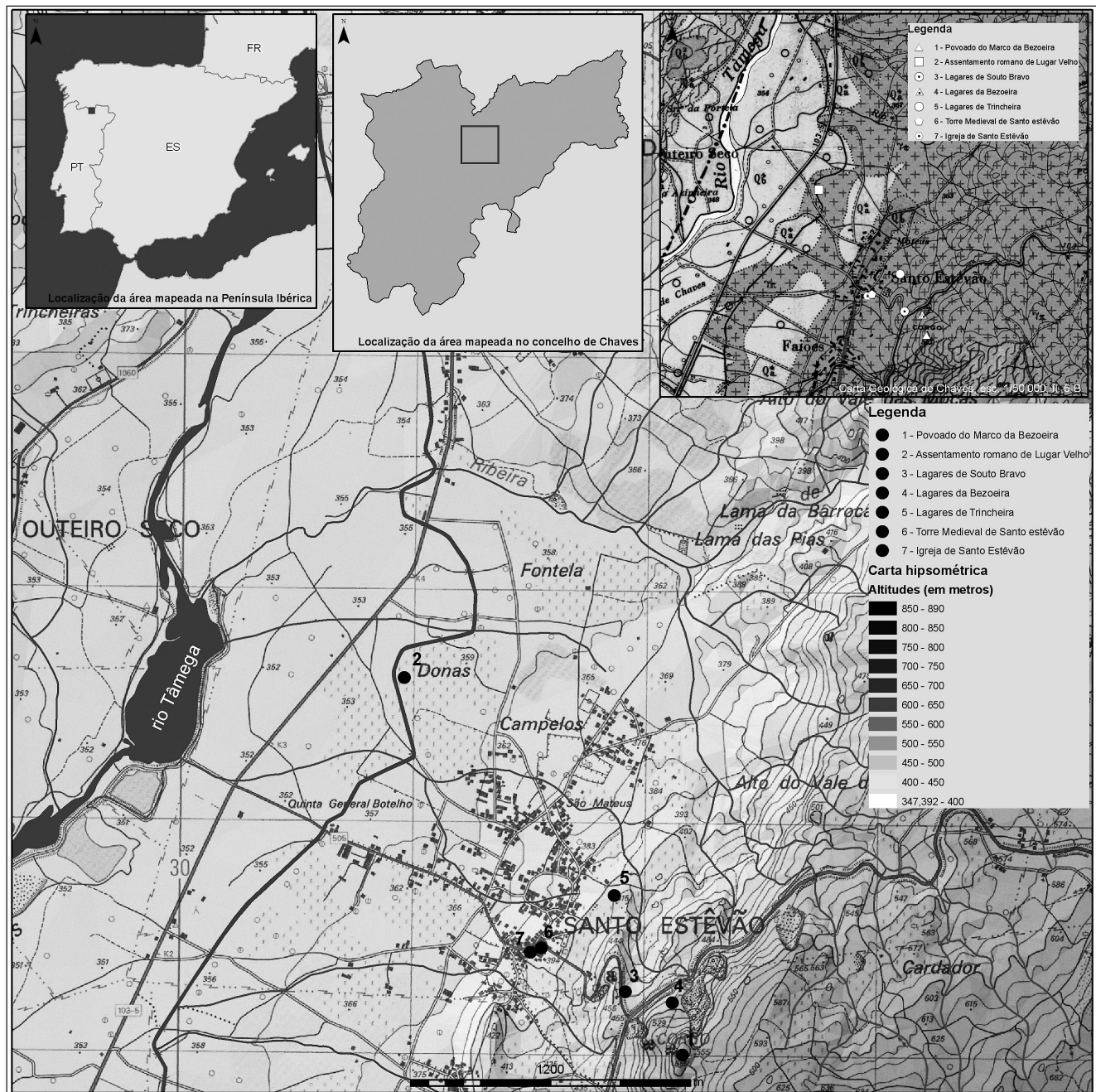


Figura 1. Enquadramento geográfico e dispersão dos vestígios arqueológicos na freguesia de Santo Estevão, Chaves (comp. Cardoso de Sousa – Miranda Marques).

alidade não é exclusiva ao território acima do Douro, já que foram identificados lagares rupestres no Centro e Sul de Portugal, desde a Beira Interior ao Algarve¹ (Taveira, 2009, 265). Em todos os locais onde há tradição vinhatei-

ra é comum encontrar-se um lagar ou lagareta, sendo por vezes os únicos testemunhos da antiguidade da produção de vinho, quando rareiam os registos escritos.

Começa a avolumar-se um cadastro de estruturas de produção vinária escavadas nos afloramentos rochosos no Norte de Portugal, desde a vertente ocidental da Serra da Peneda (Brochado, 2001), abrangendo os territórios de Monção e Arcos de Valdevez, entrando pela área mon-

1 Dá-se conta de dois lagares escavados na rocha no lugar de Vidigal e de Vale do Marinho, na Mexilhoeira Grande, Portimão, provavelmente enquadráveis no Baixo-império, anteriormente citados por A. Carvalho, em 1999, e ainda um lagar em Monchique (CCDR-ALG, 2006, 17).

tanhosa da região de Trás-os-Montes, nomeadamente nas administrações de Chaves (Amaral, 1994; Teixeira, 1996; Almeida *et al.*, 1997), Boticas, Valpaços até Bragança. Descendo, encontramos múltiplos exemplos nos concelhos de Vila Pouca de Aguiar, Mogadouro, Macedo de Cavaleiros, Murça e Alijó (Almeida *et al.*, 1997) e atravessando o Douro os múltiplos exemplos dos lagares da Meda (Almeida *et al.*, 1999; 2002). Os lagares ou lagaretas escavadas na rocha estendem-se às franjas do maciço central da Serra da Estrela, na vertente noroeste (Gouveia e Celorico da Beira) (Tente, 2007) e no território a Sul/Sudeste, como em Monsanto, Idanha-a-Nova (Henriques *et al.*, 2008) e Sabugal.

As intensivas prospecções e os rigorosos estudos que têm sido realizados provam que a viticultura terá sido amplamente divulgada e praticada na zona setentrional do país. O cultivo da vinha e a produção de vinho deverá ter assumido um papel fundamental no ciclo produtivo e de subsistência das populações locais, de tal forma importante que perdurou até aos dias de hoje. O cultivo da vinha implantou-se com sucesso e sobreviveu ao longo dos tempos, não se tendo perdido, mas adaptado às necessidades de cada período. Ainda hoje, junto a muitos lagares seculares, encontram-se vigorosas plantações de vinha, resquícios vivos da memória de outrora.

II. ENQUADRAMENTO GEO-MORFOLÓGICO E CLIMÁTICO DE SANTO ESTÊVÃO.

A vila de Santo Estêvão é uma pequena freguesia do concelho de Chaves, situada a Este do Tâmega² (fig. 1). Compõe-se de um pequeno aglomerado que cresceu a cerca de 2 km de distância do rio, tendo-se desenvolvido para Oeste e Norte a partir do sopé do monte chamado localmente de Marco da Bezoeira, que a protege a Nascente.

O aro administrativo da freguesia, com um território de apenas 8,79 km², confronta a Noroeste e Norte com a freguesia de Vila Verde da Raia, a Nordeste com Santo António de Monforte, a Este é limitada pela freguesia de Águas Frias, a Sul por Faiões e a Oeste por Outeiro Seco. A área situada a Oeste e a Noroeste da povoação de Santo Estêvão é naturalmente demarcada pelo rio Tâmega.

Os condicionalismos geográficos são marcados por uma dicotomia entre a planície da veiga de Chaves e a montanha, como a crista granítica do Corso, natural contraforte posicionado a sudeste. Estes determinaram que o povoamento aqui verificado, desde a antiguidade aos tem-

² Está representada na Carta Militar de Portugal, escala 1/25 000, fl. 34, e na Carta Geológica de Portugal, escala 1/50 000, fl. 6B (Chaves).



Lámina 1. Lagar 3 (fot. Cardoso de Sousa – Miranda Marques).

pos actuais, se confinasse ao balizamento altimétrico entre as cotas dos 360 e os 400 m. Esta circunstância permitiu deixarem livres, por um lado, os solos situados entre as cotas dos 200 e 350/360³, com elevada capacidade agrária, e, por outro, os solos acima das cotas dos 400 m, algo limitados a uma agricultura intensiva e mais vocacionados para uma exploração mais de tipo silvo-pastoril.

Do ponto de vista geológico constata-se o predomínio dos granitos, com uma mancha na ordem dos 80 % de superfície. Onde se implanta o núcleo populacional da vila de Santo Estêvão verifica-se a presença de duas manchas de depósitos aluviais intrusivas no granito dominante, constituídas por terraços de 10-12 m e 20-30 m de espessura, por certo com o fito de tirar partido das boas capacidades agrícolas destes terrenos, aliado ao facto de se tratarem de solos bem irrigados pelas águas provindas do alto do Corso.

O território é pontuado por algumas nascentes, destacando-se neste aro administrativo a ribeira de Arcosso, que atravessa a freguesia de Este para Oeste. Este nasce no outeiro de Entre Cabeças (Águas Frias) e desagua no rio Tâmega. Este curso fluvial constitui-se como o primordial recurso aquífero de Santo Estêvão e principal bacia de drenagem.

As condições climáticas aqui sentidas pautam-se por Invernos frescos e Verões moderados, com amplitudes térmicas elevadas. No quadrante Oeste os níveis de in-

³ Estes solos pertencem ao Plio-Plistocénico, correspondendo a depósitos aluviais de terraços entre os 10-12 m e 20-30 m de espessura. Para além destes terraços, a restante superfície da freguesia de Santo Estêvão é coberta por uma uniforme mancha de rochas eruptivas, de granitos hercínicos, calco-alcalinos, porfiróides, biotíticos ou com biotite predominante, rocha sobre a qual foi lavrada a totalidade dos lagares rupestres mencionados neste texto.

solação atingem valores entre as 2200 e 2300 h anuais. No oposto alcançam-se 2100 a 2200 h anuais. Nesta área a redução da insolação é influenciada pela posição de proximidade relativamente à crista granítica do alto do Corso ou Monte da Bezeira, onde são atingidas altitudes superiores a 500/550 m, elevação que condiciona de igual modo a precipitação. A pluviosidade média aqui sentida situa-se em valores entre os 700 e os 800 mm por m², enquanto que a sudoeste, em plena Veiga de Chaves, os valores baixam para uma média entre os 600 e os 700 mm por m².

III. O NÚCLEO DE LAGARES RUPESTRES DE SANTO ESTÊVÃO.

Os terrenos em volta da povoação de Santo Estêvão são bastante adequados à agricultura, sobretudo ao cultivo da vinha, pela sua excelente exposição solar.

Os lagares de Santo Estêvão são conhecidos por entre os populares da aldeia, por uns como meras “pias” ou sepulturas, por outros como “lagares”. A Junta de Freguesia colocou, inclusive, uma placa sinalética no centro da freguesia a indicar a existência destes vestígios, apercebendo-se do seu valor patrimonial e turístico e impulsionando a sua divulgação. Desconhece-se, todavia, bibliografia que aborde a existência deste conjunto de Santo Estêvão, mas tal pode ser explicado pelo facto de se encontrarem em propriedades privadas e recentemente cercadas. As estruturas encontram-se praticamente intactas, apesar de estarem em plena zona de cultivo de vinha, graças ao esforço dos seus proprietários e da colaboração da Junta de Freguesia⁴.

Este local arqueológico singular apresenta um elevado número de lagares escavados na rocha, não se conhecendo outro complexo igualmente numeroso no concelho de Chaves nem nos territórios em seu redor.

O terreno onde os lagares se encontram está já perto do monte da Bezeira, no fundo da aldeia, sendo por isso já uma pequena plataforma na encosta. Está relativamente abrigado dos ventos de Norte e exposto à luz solar durante todo o período diurno

Os lagares encontram-se distanciados por escassos metros, vizinhos das actuais plantações de vinha.

Num perímetro de cerca de 100 m, foram identificados 12 lagares escavados nos afloramentos graníticos. Se a estes lagares forem associados os já identifica-

⁴ Um agradecimento especial à Sra. Celeste, proprietária do terreno, e à Dra. Maria Antónia, presidente da Junta de Freguesia de Santo Estêvão.



Lámina 2. Lagar 7 (fot. Cardoso de Sousa – Miranda Marques).

dos no local de Souto Bravo⁵ e da Bezeira⁶ conclui-se um inventário bastante significativo de estruturas de produção vitivinícola na freguesia de Santo Estêvão, que ascende a duas dezenas.

Apesar da existência de inúmeros vestígios romanos na periferia deste território, não podemos afirmar com exactidão que os lagares foram efectivamente construídos e utilizados em época romana. São, do ponto de vista funcional, muito semelhantes aos lagares identificados em Coriscada, Meda, ou nos castros de Castorigo-Pegarinhos (Alijó) (Almeida *et al.*, 1997), Fonte do Milho (Régua) (Almeida, 1996, 27) ou nos litorais povoados proto-históricos e, posteriormente romanizados, de Carmona (Brochado, 2004, 19-21) ou Moldes-Castelo de Neiva, ambos em Viana do Castelo. Contudo, a sua cronologia deverá ser bastante mais dilatada, pois recolhemos, por entre os vinhedos, fragmentos cerâmicos medievais e modernos. Congénere a esta cronologia de-

⁵ No lugar de Souto Bravo ou lugar de Lagares, a cerca de 140 m do cruzamento com a EN103, na direcção a Santo Estêvão, foi comprovada a presença de quatro lagares rupestres abertos no afloramento granítico. Um foi parcialmente soterrado pela estrada, sendo visível um canal de escoamento, de sulco profundo, que conduziria o mosto para um recipiente, pois que esta unidade era desprovida de *lacus*. O segundo lagar está a poucos metros deste, vendo-se os entalhes do *calculatorium* e *lacus*, bem como lateralmente pode reconhecer-se numa das paredes um orifício de formato circular. Distante cerca de 70 m destes lagares encontra-se o terceiro lagar, composto de *calculatorium* e *lacus*, ligados entre si por canal ocular. O quarto lagar possuía dois entalhes, um para pisa e outro para receber o mosto. Presentemente destruído, estava a cerca de 20 m do último lagar referido (Amaral, 1994, 71-72, n.º 106; Teixeira, 1996, 42-43, n.º 255).

⁶ A Norte do Outeiro do Corgo, no lugar de Bezeira, foram revelados indícios da presença de um casal (?) romano e um conjunto de quatro lagares abertos na rocha. A existência nesta zona de uma pedreira terá contribuído para a perda irreversível destes vestígios (Amaral, 1994, 69-70, n.º 102; Teixeira, 1996, 43, n.º 257).

verá ser ainda ser o lagar de Suportela, também em Viana do Castelo, de tipologia construtiva muito semelhante à detectada aqui em Santo Estevão (Almeida, 2009, 46).

Dos doze lagares contabilizados, apenas 8 foram formalmente analisados. Um dos lagares (lagar 10) encontra-se soterrado em pleno plantio de vinha, outro (lagar 2) encontra-se numa propriedade vizinha cercada e outros dois (lagares 11 e 12) estavam cobertos por uma vegetação bastante densa.

Se todos possuem calcatório e uma depressão de recolha do mosto, outros distinguem-se por apresentarem orifícios laterais de encaixes de uma estrutura de madeira. De um modo geral, individualizamos os lagares em três tipos genéricos:

Identificámos genericamente três tipos de lagares:

1. Tipo 1. Lagares com calcatório e pia.
2. Tipo 2. Lagares com calcatório, pia e orifícios laterais de encaixe de estrutura de prensa.
3. Tipo 3. Lagares com duplo calcatório, pia e orifícios laterais de encaixe de estrutura de prensa.

Desconhecemos se diferenças estruturais entre os lagares respeitam apenas a tecnologias distintas ou se se relacionam com cronologias também díspares. Não dispomos, até ao momento, qualquer elemento adicional que nos permita afirmar que os lagares sem estrutura de prensa são mais antigos que os que dela não dispõem. Todos os lagares têm a mesma projecção quadrangular ou sub-retangular, não existindo nenhuma forma circular, como acontece por exemplo, em Gouveia (Tente, 2007, 349-351) ou na freguesia de Ázere, em Arcos Valdevez⁷. É provável que haja pequenos espaçamentos cronológicos entre os lagares, até pelo tipo de engenho usado, contudo, nunca grandes diacronias, na nossa opinião.

De notar que quase todos os lagares foram escavados numa orientação Este-Oeste, à excepção do lagar 5, orientado no sentido Norte-Sul.

III. 1. Lagares com calcatório e pia.

Foi apenas reconhecido um lagar com estas características tão simples. O lagar 3 (lám. 1) não dispõe de orifícios laterais de encaixe de prensa, o que nos leva a supor que a uva era pisada apenas por homens e sem auxílio de engenhos. O penedo onde foi escavado está bastante fragmentado. A divisória entre o calcatório e a pia



Lámina 3. Lagar 1 (fot. Cardoso de Sousa – Miranda Marques).

está praticamente desfeita, apesar de se notar claramente o orifício de vazamento do mosto. Na pia de recolha do mosto, nota-se uma depressão central ligeiramente escavada de onde se recolhiam os restos do líquido.

III. 2. Lagares com calcatório, pia e orifícios laterais de encaixe de estrutura de prensa.

Este é o modelo de lagar mais comum no complexo de Santo Estêvão, representando quatro estruturas.

O lagar 5 dispõe um largo e fundo calcatório, extremamente bem talhado no afloramento granítico, apesar de se encontrar bastante danificado nas suas paredes norte/noroeste. A parede entre o calcatório e a pia está também bastante fragmentada, causada pela pressão de uma grande raiz de pinheiro. A pia não pode ser assim devidamente limpa. Um engenho ou uns postes seriam montados nos orifícios de encaixe escavados do lado Este. Curiosamente, os dois orifícios não coincidem apenas na área do calcatório, local onde se entenderia que fosse colocada a prensa de esmagamento dos bagos. Um orifício ladeia o calcatório e o outro a pia. Não sabemos se existiriam dois mecanismos de prensa, um no calcatório para as uvas, e outro na pia, para um segundo esmagamento do mosto. Desconhecemos, neste momento, que tipo de estrutura e qual a sua mecânica.

O lagar 7 (lám. 2) é talvez o lagar melhor conservado deste núcleo. O seu calcatório, de formato quadrangular foi talhado num penedo bastante sólido. A parede divisória entre o calcatório e a pia está bastante desgastado no centro, apesar de se perceberem perfeitamente o canal de escoamento. A pia tem uma ligeira depressão central para uma recolha eficaz do mosto. Pelos orifícios escava-

⁷ Lagar estudado por Cláudio Brochado e Marta Miranda Marques, no âmbito de um estudo sobre os lagares da vertente Ocidental da Serra da Peneda, denominada “lagares rupestres de Santo Estevão, Chaves”.

dos que ladeiam o lagar, podemos supor que o engenho ali utilizado fosse bastante complexo. Do lado Norte, o negativo de encaixe é de feição rectangular, ligeiramente em forma de cunha, e tem ainda, num olhar mais atento, um orifício circular numa parede lateral, dando a ideia que seria uma forma de travamento do poste em madeira dentro do encaixe. Do lado oposto, a Sul do calcatório, de notar a existência de um similar e paralelo negativo de encaixe rectangular, onde encaixaria o outro poste do engenho. O engenho deste lagar seria um *torcularium* semelhante ao modelo proposto por Brochado de Almeida, João Antunes e Pedro Faria, em 1999. Mais abaixo, existem dois outros orifícios, mas circulares e paralelos, cuja função desconhecemos.

O lagar 8 era um lagar de grandes dimensões, apesar das paredes do seu calcatório estarem hoje bastante danificadas, bem como a parede que dividia a área de esmagamento da zona de recolha do mosto. Com efeito, todo o penedo em redor está muito fragmentado, pelo que pudemos apenas identificar um orifício lateral de encaixe de feição circular. Dispõe de uma pia de recolha de mosto bastante profunda.

O lagar 9 encontra-se muito bem conservado, à excepção da parede divisória entre o calcatório e a pia. Foi talhado num penedo bastante sólido. Na pia de recolha de mosto foi cuidadosamente escavada uma depressão circular, de modo a recolher todo o líquido produzido. Foram detectados apenas dois orifícios de encaixe no lado Sul: uma de feição rectangular, profundo, com rebordo interior de travamento, e outro circular mais pequeno. É provável que a técnica mecânica de esmagamento da uva fosse semelhante à do lagar 7.

III. 3. Lagares com duplo calcatório, pia e orifícios laterais de encaixe de estrutura de prensa.

Existem dois lagares com estas características, ao qual foi dada a designação de lagar 1 (lám. 3) e lagar 6, embora este último se encontre parcialmente soterrado o que impossibilitou o seu integral estudo. São, sem dúvida, os lagares com as maiores dimensões (bastante mais compridos que os anteriores) e com maior complexidade construtiva.

Estes dispõem de dois calcatórios de feição quadrangular, separados entre eles por uma parede bem talhada, com um canal de escoamento. Dado que apenas o segundo calcatório dispõe de orifícios laterais de encaixe de feição rectangulares, admitimos que apenas aqui existiria uma prensa mecânica de esmagamento. No primeiro calcatório

as uvas poderiam ser primeiramente esmagadas com os pés. Posteriormente, seriam lançadas ou depositadas desse reservatório para o seguinte, onde seriam pressionadas pelo engenho, num esmagamento mais fino. Só então o mosto escorreria para a pia. De realçar que, como se pode ver na planta, o encaixe lateral a Norte (esquerdo) tem, nas suas paredes, duas reentrâncias que permitiria fixar com mais estabilidade o poste do engenho e travá-lo. O engenho aqui usado seria também em *torcularium*.

IV. CONCLUSÕES.

Pensamos assim que os lagares de Santo Estevão possam enquadrar-se no engenho de *torcularium* similar ao proposto por Brochado de Almeida, para os lagares da Meda⁸. A estrutura da prensa em madeira deveria ser amovível, de forma a ser colocada somente nas alturas de produção de vinho, logo após as vindimas.

No entanto, cada lagar teria o seu próprio engenho, como demonstram as variedades dos orifícios de encaixe.

Ao nível do seu enquadramento temporal, não podemos datar com exactidão estes lagares. Classificá-los como romanos poderá ser falacioso, apesar da intensa ocupação deste território em época antiga, que se estende pelas épocas medieval e moderna. Tipologicamente, são muito semelhantes ao lagar medieval de Subportela de Viana do Castelo, bem aos lagares da Meda. O enquadramento da cronologia e datação dos lagares escavados na rocha é assim bastante complexo, dado que maior parte das vezes não estão associados a um contexto arqueológico preservado e passível de ser devidamente escavado. A documentação antiga é, em grande parte, omissa em relação a estas estruturas. Neste caso em particular, falta uma procura de alguma referência na antiga documentação local produzida.

Os lagares estariam certamente ao serviço da comunidade. A montagem e reparação dos engenhos, a limpeza e a manutenção dos lagares deveria, ser tarefas entregues às populações que deles usufruíam.

BIBLIOGRAFIA.

- ALARCÃO, J., 1983: *Portugal Romano*, Lisboa.
 ALMEIDA, C. A. B., 1996: "O cultivo da vinha na Antiguidade Clássica na Região Demarcada do Douro. Ponto da situação", *Douro. Estudos & Documentos*, 1.2, 21-30.

- ALMEIDA, C. A. B. *et al.*, 1997: “Os lagares cavados na rocha do Castelo de Castorigo, Pegarinhos (Alijó)”, *Douro. Estudos & Documentos*, 4, 15-24.
- ALMEIDA, C. A. B. *et al.*, 1999: “Lagares cavados na rocha: uma reminiscência do passado na tradição da técnica vinícola no vale do Douro”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2,2, 97-103.
- ALMEIDA, C. A. B. *et al.*, 2009: *Sítios que fazem História, Arqueologia do concelho de Viana do Castelo: da Idade Média à actualidade*, vol. II, Viana do Castelo.
- ALMEIDA, C. A. F. *et al.*, 1979: *A estátua-menir de Faiões (Chaves) (Trabalhos do GEAP, 2)*, Porto.
- AMARAL, P., 1994: *O povoamento romano no Vale Superior do Tâmega. Permanências e mudanças na Humanização de uma paisagem*, Porto.
- ANDRÉS BARRIO, F., 2001: “Trujales y lagares en la documentación medieval riojana y su relación con los lagares excavados en la roca”, *Douro. Estudos & Documentos*, 12, 2, 151-160.
- ANTUNES, J. *et al.*, 2002: “Lagares do Alto Douro Sul. Tipologias e tecnologia”, *Douro. Estudos & Documentos*, 14, 65-80.
- BETTENCOURT, A., 2009: “Práticas funerárias da Idade do Bronze de Trás-os-Montes e da Galiza Oriental”, *Revista Aquae Flaviae*, 41, 11-23.
- BROCHADO, C., 2001: “A lagareta de contrapeso da Quinta da Fonte, Monção”, *Douro. Estudos & Documentos*, 6, 63-76.
- BROCHADO, C., 2004: “A arqueologia de oito lagares cavados na rocha entre Lima e Cávado”, *Douro. Estudos & Documentos*, 18, II, 13-31.
- CARDOZO, M., 1959: “Um novo achado em Portugal de jóias de ouro proto-históricas”, *RGuimar*, 69 (1-2), 127-137.
- CARVALHO, A., 1999: “Evidências arqueológicas da produção de vinho nas villae romanas do território português. Grainhas de uva, alfaias vitícolas e lagares de vinho”, en: J. G. Gorges – F. G. Rodríguez (edd.), *Économie et territoire en Lusitanie romaine (Coll. de la Casa de Velázquez, 65)*, Madrid, 361-390.
- CCDR-ALG, 2006: *A vinha e o vinho no Algarve*, Algarve.
- COUTINHO, C. C., 1937-1939: “Os forais das vilas de Santo Estêvão de Chaves e de Chaves (1258 e 1514)”, *Arquivo Histórico de Portugal*, III, 7-18.
- HENRIQUES, F. *et al.*, 2008: *Cartografia Arqueológica da freguesia de Monsanto (Idanha-a-Nova). Primeira Notícia, (Acafa Online – Associação de Estudos do Alto Tejo, nº1)*, Lisboa.
- MARTINS, C. (coord.), 2010: *Mineração e povoamento na Antiguidade no Alto Trás-os-Montes Ocidental* (<http://mineracaoantiga.com>), Porto.
- RODRÍGUEZ COLMENERO, A., 1997: *Aquae Flaviae 1. Fontes epigráficas da Gallaecia Meridional interior*, Chaves.
- SILVA, M. J., 1995: *O Costumeiro de Pombeiro, uma comunidade beneditina no séc. XIII*, Porto.
- TAVEIRA, C., 2009: *A ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*, Tese de doutoramento, História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- TEIXEIRA, R., 1996: *De Aquae Flaviae a Chaves – Povoamento e organização do território entre a Antiguidade e a Idade Média*, Porto.
- TENTE, C., 2007: “Lagares, lagaretas ou lagariças rupestres da vertente noroeste da Serra da Estrela”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10, 1, 345-366.